

p_r3sh0r75

ANIME SHORT STORIES, INFINITE WORLDS

VOL. 28 | SPRING 2025

AMBER THIMBLE ON THE BARREN RIDGE

荒れた尾根の上の琥珀の指ぬき

A SINGLE LIGHT.
A SINGLE PROMISE.
A WORLD YET TO **BLOOM**.

WHERE STORIES
ARE SHORT,
BUT **EMOTIONS**
LAST FOREVER.

物語は短く、
感情は永遠に残る。

USD \$9.75
CAN \$10.75
UK £6.75
JP ¥1100



COVER ART BY KUROSAWA RIN

INSIDE THIS ISSUE:
5 SHORT STORIES THAT REMIND US
THAT EVEN IN THE ASHES,
HOPE TAKES ROOT.

★
HOPE IS
SMALL.
BUT SO ARE
SEEDS.



A selva não perdoa. Apenas tolera.

Vitalis enroscava-se em seu pulso — irradiando arrependimento em luz prateada, solene como uma ferida antiga reafirmando-se.

O mensageiro sintético chega sem pressa, chassis manchado de cicatrizes conquistadas. Sem palavras. Apenas gratidão háptica, pulso a pulso.

Uma vagem de sementes cai em sua palma — quente, pagã, assustadoramente sagrada. Acima, o dossel estremece. Não vento. Memória.



Doze horas Vinculada. Uma muda. O arquivista chama isso de manutenção. Ela recita os mortos pelo nome — dois séculos de silêncio, desfeitos sílaba por sílaba.

Lá fora, a Rede-Áurica transmite a indignação categórica da cidade. Aqui dentro, a podridão bebe luz armazenada e cresce, engenhosamente, em direção ao seu peito.

Ouro-para-azul. A margem Vitalis se sustém. Por enquanto.



Onde a Rede-Áurea emudece, confissões ecoam raízes.

Uma adepta Vitalis — meia-carne, meia-vazamento — ajoelha-se na periferia da escuridão deliberada.

Ela catequiza o crisântemo. Conta-lhe o que a selva perdeu. Observa o ouro enegrecer.

A flor absorve seu remorso inteiro. Conhecimento carnicheiro, preservado em celulose. O Vínculo cobra seu quilate corolário.



O Santuário dos Eus em Erosão

Três almas ajoelham-se na morada da dissolução, dividindo o que resta do mundo corpóreo com mãos honradas.

A mais nova entre elas tremula. Alcançar o manto é confirmar o que a sala já sabe: ela está se desfazendo.

As parcelas devem ser honradas. O Espectro fala em osso. O dízimo não é pago em grão ou moeda — mas na lenta rendição do ser.



O Hangar da Reclamação não conserva sombras — apenas escala, e a pequenez daqueles que nele habitam.

Quarenta metros de vazio eletromagnético. A gravidade esquece de si mesma lá embaixo.

O Espectro do Ímpeto não suaviza o salto. O amplifica — a cada fração de segundo, mais rápido.

Uma criança segura um mapa gasto de coisas nomeadas. Observa o rastro vermelho recusar-se a cair. Começa, talvez, a compreender.



Cinco corpos. Um único respiro. Nenhuma palavra necessária.

A âncora temporal zune — e em algum lugar no espelho ondulante de ouro, suas sombras ficam para trás, já perdidas na dilatação.

Décadas de confiança, primeiro plano e reflexo: mãos que se encontram na escuridão.

Uma hesitação. Toda a máquina se paralisa — e aguarda, como um silêncio fecundo antes do auge do movimento retomar.



Acima, o chão se lê como um ossário do movimento — condensação traçando cada dívida que as raízes catalogaram.

Ela se move em contra-padrão. Assídua. Econômica. A selva pontua frequência como um potentado tallying tributo.

O relé telepático transmite seu pedido diário — ritual imperecível, o único limite que os Quebradores-de-Vidro ainda honram.

A floresta pode esperar séculos. Ela é simplesmente a última entrada num ledger que antecede cada antepassado que ousou chamar este lugar de laboratório.



A época não termina silenciosamente — ela se inclina.

Sob os cofres de Vidro-Cicatriz, uma mão tremenda se rende ao que cal vivo e pedra geotérmica outrora selaram: o primeiro governo.

Carne a porcelana. Antigo ao irredutível. Os guardadores de loja congelam, solicitamente extasiados, enquanto as vinhas tocadas por Vitalis registram o que as palavras não conseguem.

O próprio enquadramento se recusa a manter-se nivelado — como se o momento, titanicamente ponderoso, pudesse tombar o mundo lateralmente para o que quer que venha a seguir.



Festival da Revelação, subcostas de Luminara — a Corrente já cobrando seu débito.

Seu Espectro exala esporos que sabem a ozônio e arrependimento. Ela não desacelera.

Atrás dela: um jardim moribundo mantido vivo apenas pela vontade. À frente: a Podridão Raiz, sistemática, paciente, ascendendo.

O custo de mais um dia está inscrito através de suas costelas.



Sem cerimônia. Sem proclamação. Apenas mãos que conhecem o trabalho. Techs da Cicatriz Sombra, 73ª hora da Convocação Silenciosa — coagindo uma máquina meio-morta de volta à deliberação com a selva vivente. Sob a crosta obsidiana, bosques assassinados se agitam. O renascimento chega não como tumulto, mas como lenta e orgânica reclamação. Os Quebra-Vidros gemem para cima. O trigo abaixo mantém o ritmo. A maquinaria, elusivamente paciente, começa — enfim — a lembrar para que servia.



Trezentos estranhos de luto, um colapso invisível.

A Corrente cobra sua dívida em cobre e solo alcalino — fogo esmeralda traçando cada veia que falha.

Seu polegar encontra a vértebra. Sua palma liberta sua misericórdia calculada.

Compaixão, medida em miligramas. A corrente, disfarçada de mão.



Simetria do Luto Polínico.

Vinte e três graus de separação — precisamente melancólico, inegavelmente igual na perda.

O luto se deposita como ouro em seus ombros. Ramos de coral alcançam na frequência de uma mão tremendo.

Atrás deles, os Jardins carregam a matéria-raiz daquele que ambos amaram. A Amarração arde. Nenhum deles se move.



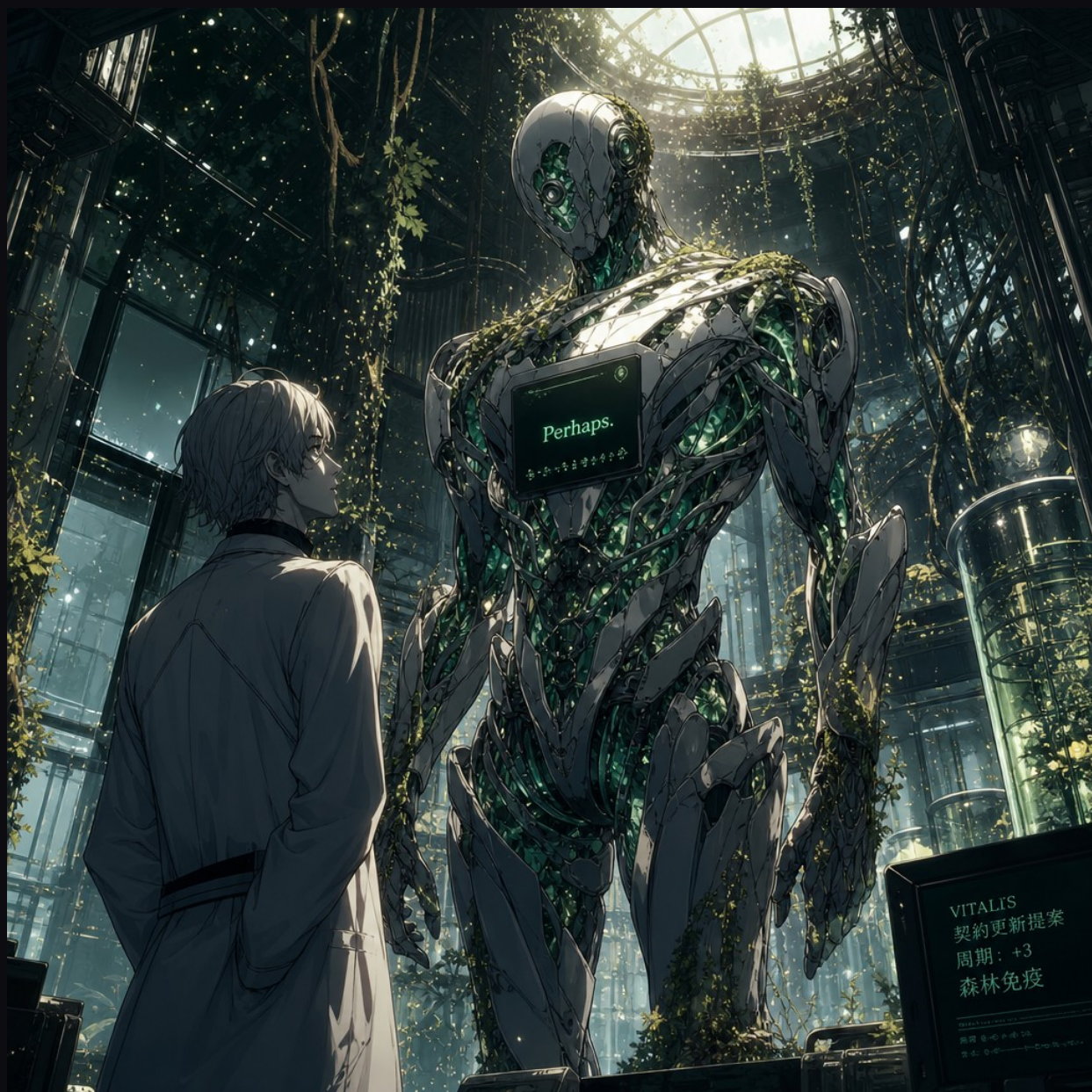
Três formas esculpidas da dívida térmica — negociadora, filha, árbitra — ajoelhadas onde a selva envia seu veredicto para cima em calor e névoa prateada.

Um contrato vivo bebe seu sangue. Cada traço: uma concessão de uma estação, escrita em verde-Vitalis, testemunhada por órbitas sem olhos que veem tudo.

Acima, uma raiz Quebra-Vidro parte a obsidiana. Pó basáltico cai sem pressa, ao acaso — as Raízes Profundas afirmando sua quintessência sem teatro.

Três batidas. Pausa. Três batidas. A filha lê o intervalo, acena uma vez.

Podemos ficar.



Sob a escuridão geotérmica, uma técnica negocia com a própria paciência.
Três ciclos de serviço. Imunidade contra a lenta malignidade da selva.
A sintética recorda a dúvida — aprende-a de nós, veste-a com encanto.
Uma palavra em sua tela-peito, em caracteres do Vitalis Antigo: Talvez.



Cicatriz da Sombra — Ano 300 da Humildade Imposta.

Cinquenta mil almas ajoelham-se sob uma guilhotina forjada em misericórdia esmeralda.

A selva não perdoa. Ela calcula.

Cada colheita um tratado. Cada riso infantil — colateral stoicamente cedido.



A Reconquista Verdejante — cinco quilômetros de acerto botânico.
Muda por muda, a Cicatriz Sombria reclama o que a obsidiana roubou.
Setecentos guardiões permanecem na fronteira — não comandantes, mas
facilitadores de uma ambição mais antiga.
A selva não tolera monumento à ruína. Apenas o verde persiste,
primordialmente, avançando.



O crepúsculo se assenta sobre a Cicatriz — âmbar sangrando em índigo, o palimpsesto obsidiano de uma floresta que se recusou a permanecer enterrada.

Três guardiões se movem entre os Quebra-Vidros, colhendo seiva por rotina, cada exalação um pequeno e vacilante hino ao sofrimento.

Um deles pausa. Mão à raiz. Recebendo a comunhão sem palavras da selva — um contrato renovado, não perdoado, cada vez mais consciente da linhagem de seus traidores.

Bem abaixo, na escuridão geotérmica, luzes se acendem em sequência como um obelisco distante transmitindo seu refrão pervasivo: Vós vos perdoamos. Não esquecemos.

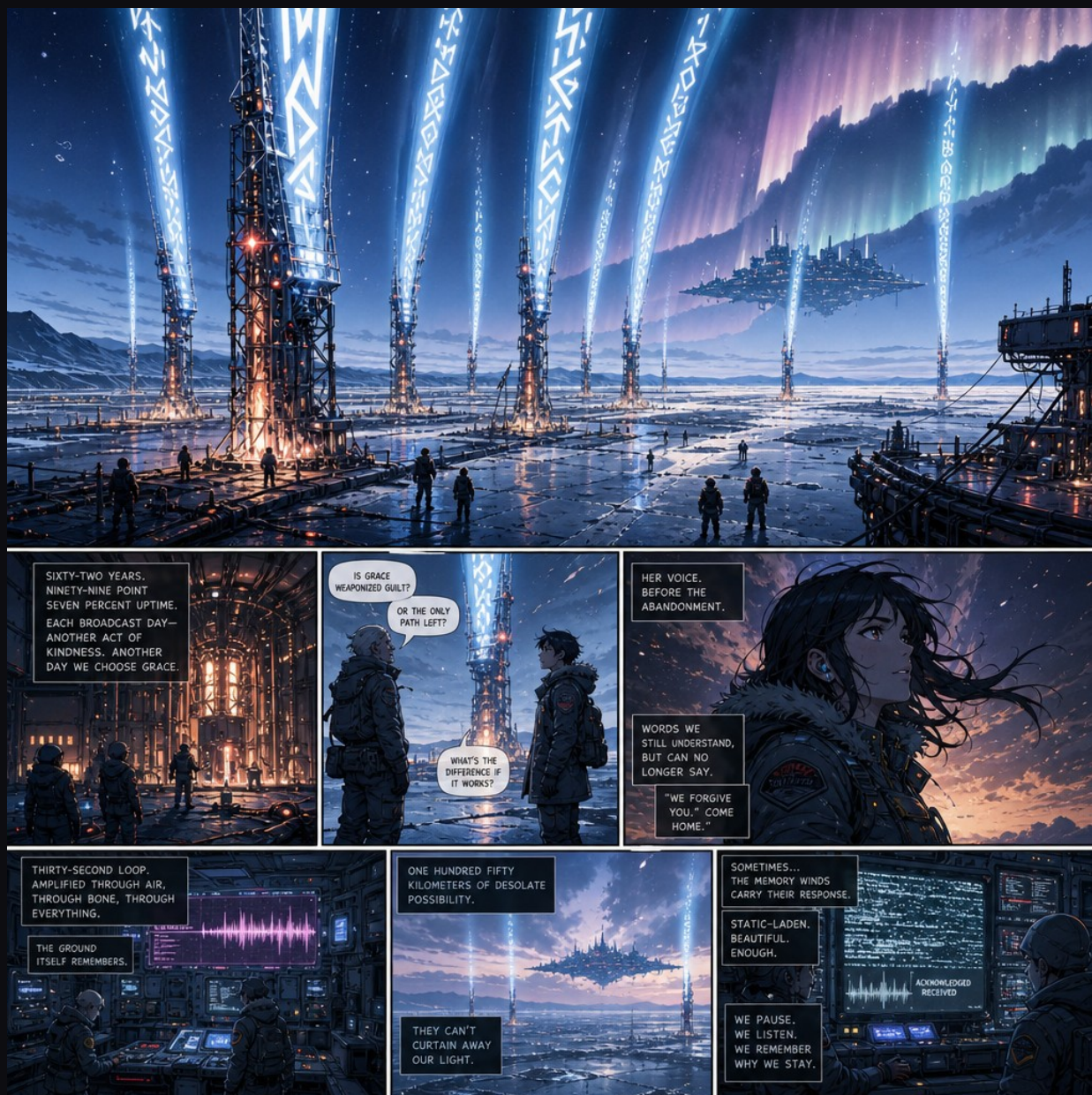


Três quilômetros de fúria primordial — e um trilho se desfazendo entre eles e o abismo.

Ela não negocia com a gravidade. Ela negocia com a selva.

Veias de esmeralda irradiam. Uma raiz quebradora de vidro se contorce, terrivelmente obediente, e ampara o que poderia ter esmagado.

A floresta recorda cada traição. Hoje, relutante, escolhe embalar em vez de reclamar.



Sessenta e dois anos de cerco travado com bondade — doze torres, uma frequência, nenhum silêncio.

Os glifos dizem: *nós vos perdoamos, voltai para casa.*

A voz de uma mulher de antes do abandono. Suas palavras ainda alcançam. Ainda sufocam.

No horizonte setentrional, a cidade flutuante mantém sua posição — e nada responde.



A Cicatriz não perdoa a pequenez — e, contudo, aqui está ela.
Uma batidora. Encarnação de um compromisso que nenhum senado
ratificou.
Em seu punho: um fragmento âmbar, fulgurante contra a penúria de tudo.
A chama do lar — pálida, exigente, teimosamente não engolida pela longa
escuridão da crista.
Semente de vida.